

O PLANTÃO PSICOLÓGICO PRATICADO NA ESCOLA SOB A PERSPECTIVA DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA: UMA REVISÃO NARRATIVA

Lirani Firmo da Costa Souza¹

Mayara Cristina da Silva Lima²

Sandra Patrícia Lamenha Peixoto³

Marcelo Góes Tavares⁴

Psicologia



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O Plantão Psicológico consiste num serviço de acolhimento que visa responder a uma demanda de ajuda psicológica, podendo também ser realizado na escola. Quando fundamentado na Abordagem Centrada na Pessoa de Rogers, terá três pressupostos básicos: a disponibilidade incondicional; a escuta esclarecedora e facilitadora e as possibilidades de desdobramentos que o encontro poderá tomar. Diante disso, o presente artigo objetiva discutir como o Plantão Psicológico pode ser praticado dentro da escola na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa, utilizando a metodologia de revisão narrativa em bases de dados. Este serviço poderá ser utilizado para auxiliar a escola a lidar com as mais variadas problemáticas, como: a falta de motivação dos alunos; os problemas emocionais; a violência, o bullying, a autolesão e o suicídio, as questões de gênero, preconceito e práticas discriminatórias. Portanto, o Plantão Psicológico constitui-se numa das formas de atuação que o psicólogo escolar e educacional pode desenvolver dentro da escola, ofertando um espaço de acolhimento e de escuta, proporcionando espaços dialógicos onde os sujeitos compartilham suas angústias e sofrimentos e promovam o autoconhecimento e a inclusão.

PALAVRAS-CHAVE

Plantão. Psicologia. Psicologia Educacional. Abordagem Centrada na Pessoa.

ABSTRACT

The Psychological Plan consists of a reception service that aims to respond to a demand for psychological help, and can be carried out at school. When based on the Rogers Person-Centered Approach, it will have three basic assumptions: unconditional availability; the enlightening and facilitating listening and the possibilities of unfolding that the meeting can take. Therefore, the present article aims to discuss how the Psychological Plan can be practiced within the school from the perspective of the Person Centered Approach, using the methodology of narrative revision in databases. Then, this service can be used to help the school deal with the most varied problems, such as: the lack of motivation of the students; emotional problems; violence, bullying, self-harm and suicide, issues of gender, prejudice and discriminatory practices. Therefore, the Psychological Plan is one of the forms of action that the school and educational psychologist can develop within the school, offering a space of reception and listening, providing dialog spaces where subjects share their anguish and suffering and promote self-knowledge and the inclusion.

KEYWORDS

Home Psychology. Educational Psychology. Person-Centered Approach.

1 INTRODUÇÃO

O Plantão Psicológico consiste num serviço de acolhimento em situações emergenciais que objetiva atender a uma demanda de ajuda psicológica, sendo um serviço abrangente, podendo ser aplicado em vários contextos, dentre eles o escolar. O Plantão é desenvolvido por meio de uma escuta clínica atenta e interessada, de forma empática (SCHEEFFER, 1983), onde o psicólogo faz o acolhimento do sujeito no quando este se encontra em um momento crítico de sua vida, como: fim de relacionamento, morte de um ente querido, situações de crises e desastres etc.

Os atendimentos são curtos, podendo ser feitas no máximo cinco sessões, quando depois serão feitos os devidos encaminhamentos que forem necessários. Além disso, no contexto educacional, o Plantão é um serviço ofertado pelo psicólogo escolar\ educacional que pode ser direcionado aos diferentes sujeitos da escola, incluindo: alunos, funcionários da escola e os próprios professores, coordenação pedagógica e pais de alunos (TASSINARI, 2012).

Apesar de ainda serem muito escassas as pesquisas que abordem a temática do Plantão Psicológico praticado na escola, é possível perceber que ele pode ser utilizado como um dos serviços que o psicólogo escolar e educacional poderá fazer uso diante das inúmeras problemáticas da escola. Além disso, o interesse pela temática surgiu no período em que as autoras cursavam as disciplinas de Psicologia Escolar e Aconselha-

mento Psicológico, fazendo com que surgisse uma afinidade e curiosidade sobre o assunto supracitado e o desejo de publicar sobre ele. Espera-se, ainda, que a compilação de informações produzidas nesta pesquisa auxilie no preenchimento de lacunas existentes na literatura sobre este assunto e fomenta novas pesquisas sobre a temática.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo discutir como o Plantão Psicológico pode ser praticado dentro da escola na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa.

2 METODOLOGIA

O presente artigo consiste numa revisão de literatura do tipo narrativa em bases de dados, cujo intuito é apresentar o estado da arte de um assunto balizada numa determinada perspectiva conceitual; a qual também possibilita a aquisição e atualização de informações a respeito de um determinado tema. Também foi feita uma análise qualitativa, interpretativa e crítica dos textos selecionados (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011). Então, inicialmente foi feita uma pesquisa assistemática a respeito do assunto a partir da leitura de livros, periódicos e internet, em redes informais e em buscas livres no Google. O objetivo foi ter um entendimento sobre o assunto para então empreender uma busca sistemática (RIBEIRO; MARTINS; LIMA, 2015).

Em seguida, foi realizada uma busca sistemática em algumas bases de dados. Para isso, foram selecionadas as seguintes bases: Scielo e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDOT). Depois de selecionadas as bases de dados, foram escolhidos os descritores utilizados na busca dos textos. Para isso, foi feita a consulta em um banco de descritores denominado: Descritores em Ciências da Saúde – DeCS, tendo sido selecionados: Plantão; Psicologia; Psicologia Educacional e Abordagem Centrada na Pessoa. Foi realizada uma investigação nas fontes e feitos refinamentos na busca, visando obter um número de publicações que possibilitasse a leitura, análise e construção do corpus desta pesquisa (RIBEIRO; MARTINS; LIMA, 2015).

Foram encontrados 20 artigos no Scielo, tendo sido descartados 7. Já na BDOT foram selecionadas 6 dissertações, tendo sido descartadas 2 e, 4 teses, tendo sido descartadas 2. Assim, todos os artigos, dissertações e teses que atenderam ao recorte temático desta pesquisa, foram então excluídos. Finalmente, não foi feito nenhum recorte temporal, tendo sido utilizadas 40 referências no total.

3 O PLANTÃO PSICOLÓGICO

O Plantão Psicológico surgiu no Brasil no final da década de 1970, a partir do Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de São Paulo (SAP-IP-USP), fundamentado na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers. Ele consistia numa recepção diferenciada para os clientes que buscavam Aconselhamento, visando dar conta da imensa fila de espera. Foi então que tiveram a iniciativa de instituir o Plantão, se disponibilizando para acolher os

clientes em dias e horários previamente definidos (SCHMÍDT, 1987; SCHMÍDT, 2004; OLIVEIRA, 2005; MARAVIESKI; SERRALTA, 2010; ROCHA, 2011; TASSINARI; DURANGE, 2011; ROSENTHAL, 2012; TASSINARI, 2012; AMORIM; ANDRADE; BRANCO, 2015).

Apesar de haver uma aproximação entre os serviços de Aconselhamento e Plantão Psicológico, chegando-se algumas vezes a serem apresentados como se fossem sinônimos, ambos consistem em serviços distintos. O Aconselhamento Psicológico é um encontro face a face entre dois indivíduos onde um deles é auxiliado a dirimir suas dificuldades, sejam elas de ordem pessoal, profissional, educacional ou vital, a fim de que possa fazer um melhor uso de seus recursos pessoais (SCHEEFFER, 1983); sendo um serviço abrangente, podendo ser aplicado em outras áreas além da clínica, como: gestão de carreiras, educação e saúde (SCORSOLINI-COMIN, 2015; SCHMÍDT, 2015).

Já o Plantão, segundo Mahfoud (2012) é considerado uma dentre as várias modalidades de prática do Aconselhamento. Seu foco é o atendimento emergencial do cliente, acolhendo a sua demanda no exato momento de sua expressão (TASSINARI, 2003; MAHFOUD *et al.*, 2012;), podendo ser implementado em diversos contextos como: clínicas-escola de Psicologia de universidades (ROSENTHAL, 2012); junto à Polícia Militar (OLIVEIRA; MORATO, 2015); em instituições para menores infratores (AUN; MORATO, 2015); em instituições religiosas (SCORSOLINI-COMIN, 2004); em hospital geral (CAUTELLA JUNIOR, 2012); na escola (TASSINARI, 1999; MAHFOULD, 2012; BEZERRA, 2014), dentre outros.

Finalmente, a abordagem rogeriana teve uma grande influência nas primeiras reflexões sobre as potencialidades do Plantão no Brasil. Isso porque elas giravam em torno de oferecer uma escuta atenciosa, não diretiva, centrada no cliente, confiante na tendência ao aprimoramento das potencialidades inerentes ao indivíduo e na possibilidade dessa tendência ser estimulada (SCHEEFFER, 1983).

3.1 PLANTÃO PSICOLÓGICO: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA (ACP)

Os teóricos Carl Ransom Rogers e Abraham Maslow são considerados os mais proeminentes arquitetos da abordagem humanista. Ambos defendiam que, para compreender de forma completa o comportamento humano, é necessário levar em conta a orientação básica das pessoas para o seu desenvolvimento pessoal, numa visão otimista da natureza humana. Ou seja, ele possui a necessidade básica de evoluir como ser humano para concretizar seus potenciais (SCHULTZ; SCHULTZ, 2015).

A ACP de Rogers tem como principal pressuposto o fato de que o ser humano é um organismo vivo, global, com capacidade de crescimento e desenvolvimento em direção às suas potencialidades intrínsecas, tendência do desenvolvimento pleno que reverbera em maturidade psicológica. Consequentemente, a teoria rogeriana focaliza em três atitudes que devem ser tomadas por parte do terapeuta como indispensáveis e suficientes para que ocorra uma atenção psi-

cológica eficaz. São elas: a congruência, a empatia e a capacidade de aceitação positiva incondicional (ZANONI, 2008).

Rogers (1983) também afirmou que o ser humano possui duas tendências potenciais em relação ao seu crescimento psicológico que se constituem como o núcleo da ACP. São elas: a tendência à atualização e a tendência formativa. A primeira se refere a uma característica da vida biológica que gerencia o desenvolvimento psíquico. Já a segunda determina o desenvolvimento do ambiente como um todo.

Além disso, Rogers e Kinget (1977) propõem a terminologia “cliente” ao invés de paciente, tendo em vista que a terapia deve levar a pessoa a clarear as nuances de seus sofrimentos e o terapeuta deverá se posicionar de forma não-diretiva, como se fosse um espelho (metaforicamente falando). Dessa forma, Rogers (1997) substitui a figura do paciente pela do cliente uma vez que não visualizava os sujeitos que buscavam terapia como seres que reagiam passivamente às recomendações diretivas de um “especialista sabe tudo”. Ele os via como possuidores da capacidade de entender a intervir em suas próprias questões. Entretanto, por terem as habilidades para fazer isso sozinhos, tornava-se importante a presença do psicoterapeuta.

Zanoni (2008) afirma que, de um modo geral os estudiosos da teoria de Rogers dividem-na em quatro fases. A primeira estava fundamentada nas respostas reiterativas e reflexos de sentimentos, ficando conhecida como etapa não-diretiva. Teve como marco principal a obra Aconselhamento e Psicoterapia, no ano de 1942. A segunda fase estava balizada na compreensão empática, aceitação e autenticidade, sendo denominada de etapa das atitudes terapêuticas. A principal publicação dessa fase foi Terapia Centrada no Cliente, em 1951.

A terceira caracterizou-se por uma aproximação ao Existencialismo, ficando conhecida como etapa da investigação do processo terapêutico. O principal texto dessa fase foi Tornar-se Pessoa, de 1961. Finalmente, a quarta e última etapa caracterizou-se como Psicoterapia Centrada na Pessoa, quando Rogers passou a fazer uso de um modo mais fenomenológico de refletir a respeito da Psicoterapia. Ele retira então o foco do cliente e amplia a Terapia Centrada no Cliente para a Abordagem Centrada na Pessoa (ZANONI, 2008).

Dessa forma, conceber o Plantão Psicológico na perspectiva da ACP é seguir um método não-diretivo. Então, no método não-diretivo o plantonista exercerá o papel de clarificar e aceitar os conteúdos de natureza emocional trazidos pelo cliente. Também irá ofertar uma atmosfera emocional propícia para que o cliente relaxe as suas defesas, não se preocupando em realizar diagnósticos, nem de lhe inculcar a autocompreensão (SCHEEFFER, 1983); sendo esse método comumente utilizado no serviço do Plantão Psicológico que pode ser implantado em vários contextos e instituições. Além disso, a importância do Plantão também se estende a outros contextos, como é o caso da escola, onde ele é igualmente importante, onde poderá auxiliar a escola a lidar com as mais variadas problemáticas pelas quais ela vem enfrentando na atualidade.

4 PRINCIPAIS PROBLEMÁTICAS ENFRENTADAS PELA ESCOLA NA ATUALIDADE

Atualmente a escola tem enfrentado as mais variadas problemáticas que, na opinião de Bock, Furtado e Teixeira (2008) têm convocado os profissionais das mais diversas áreas do saber, incluindo os da Psicologia, a contribuir para a sua solução. De acordo com os autores, uma das mais citadas é a falta de motivação: os discentes não se mostram envolvidos com o aprendizado e o saber. Tal questão é muito complexa, pois envolve além de questões metodológicas da escola, a família, relações interpessoais, entre outras.

Outra demanda comum na escola são os problemas emocionais dos alunos, sendo os mais frequentes os comportamentos disruptivos, que incluem atos antisociais, agressão, desobediência, rebeldia, oposição, violação de regras, roubos, atividade sexual precoce (FRIEDBERG; McCLURE, 2004); vandalismo; transtornos de ansiedade (como fobia social, transtorno de ansiedade de separação), fobia a escola (caracterizada pelo medo exacerbado de ir à escola), a depressão (um transtorno de humor caracterizado por desesperança e uma tristeza intensa e persistente), como também o uso de drogas (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A violência é uma problemática cuja manifestação tem se mostrado cada vez mais frequente, se manifestando das mais variadas formas, sendo as principais: 1) o *bullying*; 2) a autolesão; 3) o suicídio. Então, antes vista como um lugar que oferecia proteção, hoje a escola tem sido alvo de violência nas relações sociais daqueles que a compõem. Isso acontece porque atualmente tem havido um esvaziamento da importância e da necessidade da escola: por um lado, a comunidade carente não tem mais recebido com facilidade o retorno que esperava da escolarização e por outro, aqueles que possuem um maior poder aquisitivo parecem não sentir mais tanto prazer em aprender (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Para Papalia e Feldman (2013) o *bullying* é muito comum nas escolas: caracterizando-se por ser um tipo de intimidação deliberada e persistente que é direcionada contra um alvo específico, que no caso é a vítima. Este inclui agressão física, como: bater, chutar, socar, danificar ou apossar-se de pertences pessoais e a agressão psicológica, como: isolar e fazer intriga, frequentemente sem a vítima saber. A intimidação pode ser também: proativa, quando que utilizada pelo agressor para mostrar dominância, ganhar admiração ou sustentar poder; ou reativa, quando ocorre em resposta a algum ataque real ou até imaginário.

A autolesão e o suicídio também costumam acontecer na escola. Apesar de comumente associados, ambos são fenômenos distintos. A pessoa que pratica o suicídio tem o intuito de colocar um fim em sua própria vida, já na autolesão o objetivo é aliviar sofrimentos, tentar sentir-se melhor de uma forma imediata, até alcançar o alívio. Entretanto, quando a autolesão se torna repetitiva, o risco de suicídio é elevado, pois essa forma não acertada de lidar com as próprias questões pode fazer com que os cortes se tornem mais profundos, podendo levar à morte, mesmo que não haja a intenção consciente de morrer. Então, a autolesão e o suicídio são estratégias de enfrentamento pouco efetivas para a resolução de problemas, sendo praticados principalmente por adolescentes (ALMEIDA *et al.*, 2018).

As questões de gênero também estão presentes dentro da escola. De acordo com Maia, Navarro e Maia (2011) o termo gênero refere-se a aspectos culturais que atuam por meio de relações de poder, construindo padrões hegemônicos a partir de corpos sexuados. Além disso, não se pode esquecer que existem diversos processos socioculturais que fazem uso da anatomia para justificar diferenças, desigualdades e subordinações entre os indivíduos e isso acaba frequentemente sendo reproduzido pela escola.

É notório também o preconceito e as práticas discriminatórias no ambiente escolar. Segundo Barros (2012), na escola são frequentes conflitos entre seus atores sociais com relação às questões de classes sociais, de gênero ou de orientação sexual. Tais diferenças ainda ocasionam conflitos, porém, frequentemente se apresentado na forma de preconceitos e estigmas, que surgem sutilmente nas relações cotidianas, tendo como base as relações de poder presentes na cultura, abrangendo as dimensões coletivas tanto no nível “macrossocial”, quanto no nível interpsicológico.

Torna-se então urgente a promoção de uma educação mais inclusiva, a fim de poder valorizar as diferenças entre os indivíduos e proporcionar uma educação com mais qualidade para todos (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008). Então, diante de tantas problemáticas que a escola enfrenta, faz-se necessário que seja ofertado um espaço de acolhimento a fim de auxiliar os sujeitos, como o acontece no Plantão Psicológico.

5 O PLANTÃO PSICOLÓGICO PRATICADO NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Segundo Mahfoud (2012), o Plantão Psicológico constitui-se numa técnica de atendimento imediato, breve e emergencial que pode auxiliar a escola a lidar com as mais variadas demandas, constituindo-se numa contribuição propriamente psicológica no âmbito escolar. Este serviço, fundamentado na ACP de Rogers, ao ser realizado na escola, irá contribuir, constituindo-se como um espaço para o indivíduo como pessoa. Esse espaço terá como finalidade a formação da pessoa, com todos os seus recursos e limites, promovendo o valor e a potência criadora e inovadora do sujeito que cresce com consciência de si e da sua realidade.

O Plantão Psicológico é então considerado um dos modos de atuação do psicólogo escolar e educacional, sendo um tipo de atendimento individual que ocorre espontaneamente dentro do contexto escolar (BEZERRA, 2014). Szymanski (2004) acrescenta que este serviço ao seguir os pressupostos rogerianos, parte do respeito à dignidade dos educadores e a confiança em sua capacidade de manejo construtivo daquelas questões da sua vida trazidas a consciência por meio da reflexão, pela livre expressão daquilo que lhes traz sofrimento, apesar de ser um serviço que se dá num curto espaço de tempo.

Bezerra (2014), corroborando com os autores acima, acrescenta três premissas da ACP que fundamentam a prática do Plantão Psicológico: 1) a *disponibilidade incondicional* para aqueles que buscam atendimento. Tal posicionamento está longe

de ser um comportamento preestabelecido ou uma técnica, se aproximando da consideração positiva incondicional rogeriana; 2) *a escuta esclarecedora e facilitadora* da demanda apresentada pela pessoa, o que significa dizer que não é só compreender a lógica do problema trazido, mas também junto com a pessoa encontrar a solução para o mesmo. Refere-se ao modo como a demanda é compreendida pela pessoa atendida; 3) os *desdobramentos do processo de encontro*. Isso significa dizer que a clareza da delimitação do encontro para os seus participantes proporciona uma maior exploração mútua no decorrer deste processo, podendo ser feitos, espontaneamente, encaminhamentos para uma Psicoterapia, Orientação Profissional etc.

Vendramel, Pocaia e Santos (2017) afirmam que o Plantão Psicológico é necessário na escola por compreender que o discurso proferido e as escutas são imprescindíveis para que a educação alcance resultados satisfatórios, onde o psicólogo irá ofertar um espaço para a circulação de discursos, uma vez que a ausência dessa circulação acaba comprometendo a concretização dos objetivos institucionais.

Já Tassinari (2003) diz que o fato de o Plantão ser um serviço terceirizado, uma vez que a equipe de plantonistas não faz parte do quadro de funcionários da escola, proporciona uma maior liberdade para que os alunos possam trazer temáticas mais particulares e/ou críticas sem constrangimento, colaborando para o aumento da autocompreensão e dos fatores ambientais, desmistificando o papel do psicólogo escolar e educacional. Isso é possível porque esse serviço focaliza o aluno de forma holística e não somente como sujeito aprendiz. Isso se justifica, pois, na opinião de Rogers (1983):

Existe uma tendência direcional formativa no universo, que pode ser rastreada e observada no espaço escolar, nos cristais, nos micro-organismos, na vida orgânica mais complexa e nos seres humanos. Trata-se de uma tendência evolutiva para uma maior ordem, uma maior complexidade, uma maior inter-relação. (ROGERS, 1983, p. 50).

Além disso, no Plantão a escuta clínica do plantonista se dá de forma ativa e este depois devolve para a pessoa aquilo que ele refletiu a partir desse acolhimento. O intuito é possibilitar que o outro se escute, numa escuta livre de interpretações, preconcepções ou generalizações, onde lhe será disponibilizada a escuta e a atenção as suas queixas e falas quase invisíveis e também lhe ofertar a possibilidade de construir um jeito próprio de lidar com suas questões em um contexto social cada vez mais caótico e ansiógeno (MAHFOUD al., 2012; FERRO; ANTUNES, 2015).

Então, Mahfoud e outros autores (2012) orientam que o plantonista esteja preparado e disponível para receber a vivência trazida pelo aluno, auxiliando-o a perceber as várias facetas de sua experiência, além de estar atento a perspectiva que ele escolhe, respeitando as escolhas que ele optar, uma vez que cada um é responsável por suas próprias escolhas. Consiste então num serviço que é direcionado a qualquer aluno que queira “se cuidar”, consistindo numa postura facilitadora de um

processo que é do cliente, o que implica no fato de que a postura do psicólogo não é conduzi-lo, mas sim acompanhá-lo.

Não esquecendo que as formas de encaminhamento que podem ser dadas a partir do Plantão são as mais variadas. O sujeito poderá ser encaminhado para um psicólogo clínico a fim de iniciar um processo psicoterápico ou então um psicodiagnóstico ou Orientação Profissional, Avaliação Neuropsicológica ou acompanhamento psicopedagógico. Também pode ser necessária a indicação de um psiquiatra ou outro profissional da medicina, ou outros profissionais, como: fonoaudiólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, Terapeutas ocupacionais etc. Assim, as possibilidades de encaminhamento são inúmeras e dependerão das particularidades de cada caso.

Ferro e Antunes (2015) chamam a atenção para o fato de o psicólogo escolar e educacional poder fazer uso do Plantão Psicológico como um instrumento de ação para a quebra da estereotipia em torno da Psicologia na escola, uma vez que ainda é frequente a visão de que a mesma irá focar nos alunos-problema, desajustados, malucos e problemáticos. Para estes autores, ao contrário disso, é preciso mostrar que o papel da Psicologia Escolar e Educacional está, dentre outras coisas, em ofertar espaços dialógicos onde os sujeitos possam externalizar suas angústias e sofrimentos, proporcionando o manejo das vicissitudes humanas em uma sociedade caracterizada pela inovação tecnológica, apatia social, hierarquia do ter e, conforme complementa Anache (2007), que clama pela inclusão, mas que se organiza pela exclusão social. Já Vendramel, Pocaia e Santos (2017) salientam que os atendimentos não devem ter fins classificatórios e/ou excludentes e Correia e Rodrigues (2015) alertam para que se tome cuidado para não adotar uma postura embasada no modelo clínico-terapêutico.

Assim, é inegável que a escola se constitui como um local de promoção do desenvolvimento humano, mas ela, também se apresenta como um *lócus* de convergência de inúmeras problemáticas humanas que podem trazer sofrimento e angústia para os sujeitos, fazendo com que seja urgente a necessidade de um serviço de escuta clínica não-diretiva, como ocorre no Plantão Psicológico, objetivando acolher as demandas afetivas e emocionais de todos aqueles que compõem a escola (ALMEIDA *et al.*, on-line), contribuindo com o caráter transformador da escola, modificando os indivíduos por meio do processo de autoconhecimento, que decorre da exposição, a partir do discurso, da angústia do ser (FERRO; ANTUNES, 2015).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o Plantão Psicológico constitui-se numa das formas de atuação que o psicólogo escolar/ educacional pode desenvolver dentro da escola, diante da diversidade de problemáticas que ela enfrenta na atualidade, ofertando um espaço de acolhimento e de escuta do indivíduo enquanto pessoa onde, a partir da livre expressão das questões que o incomodam, visa promover a reflexão e o manejo construtivo das mesmas.

Então, este serviço, quando fundamentado na Abordagem Centrada na Pessoa de Rogers, terá três pressupostos básicos: a disponibilidade incondicional para os que

buscam ajuda; a escuta esclarecedora e facilitadora da demanda trazida e as possibilidades de desdobramentos que o encontro poderá tomar, cujos encaminhamentos podem ser realizados, sempre que houver necessidade, podem ser feitos de diversas formas, pois o que norteia o percurso dos atendimentos é a necessidade da pessoa. O plantonista irá fomentar o valor e a potência criadora e inovadora do indivíduo, pois o seu foco estará na pessoa e não no problema, corroborando para a promoção da saúde e da cidadania dentro da escola, proporcionando a formação integral do discente.

Todavia, é importante que o plantonista procure desmistificar o papel do psicólogo escolar e educacional, quebrando a estereotipia ainda existente em torno do seu fazer na escola, a fim de que não se confunda a escuta clínica na escola com atendimento psicoterápico.

Finalmente, o Plantão ainda proporciona espaços dialógicos na escola onde os sujeitos podem compartilhar suas angústias e sofrimentos e possibilitar o manejo de suas vicissitudes humanas, como também promover o autoconhecimento e a inclusão de todos em uma sociedade que exclui e marginaliza os sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S. *et al.* A Prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/ educacional. **Cadernos de Graduação: Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n. 3. Maceió/AL, p. 147-160, maio 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article>. Acesso em: 28 ago. 2018.

ALMEIDA, T. C. *et al.* **Plantão psicológico**: uma escuta no contexto educacional. Disponível em: www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/ADR77. Acesso em: 21 jul. 2018.

AMORIM, F. B. T.; ANDRADE, A. B.; BRANCO, P. C. C. Plantão psicológico como estratégia de clínica ampliada na atenção básica em saúde. **Contextos Clínicos**, Juazeiro do Norte/CE, v. 8 n. 2, p. 141-152, dez. 2015. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/pdf. Acesso em: 9 jul. 2017.

ANACHE, A. A. O Psicólogo nas redes de serviços de educação especial: desafios em face da inclusão. In: MARTINEZ, A. M. (org.). **Psicologia escolar e compromisso social**: novos discursos, novas práticas. 2. ed. Campinas/SP: Alínea, 2007, p. 115-132.

AUN, H. A.; MORATO, H. T. P. Atenção psicológica em instituição: plantão psicológico como cartografia clínica. In: MORATO, H. T. P.; BARRETO, C. L. B. T.; NUNES, A. P. (org.). **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial**: uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. p. 121-137.

BARROS, W. M. S. **O Preconceito e suas implicações práticas na escola e a atuação do psicólogo neste contexto**. 2012. 127f. Monografia (Trabalho de Conclusão de

Curso de Psicologia) – Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/27.pdf>. Acesso em: 6 out. 2018.

BEZERRA, E. N. Plantão psicológico como modalidade de atendimento em psicologia escolar: limites e possibilidades. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 129-143, nov. 2014. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/v14/v14.pdf. Acesso em: 21 jul. 2018.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. A.; MACEDO, M. O Método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 19, p. 121-136, nov. 2011. Disponível em: <https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade>. Acesso em: 24 jan. 2018.

CAUTELLA JUNIOR, W. **Do Inominável á pro-dução de sentido: o plantão psicológico em hospital geral como utensílio para a metaforização da crise pelo trágico**. 2012. 272f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: www.teses.usp.br/teses. Acesso em: 8 fev. 2018.

CORREIA, M. F. B.; RODRIGUES, L. F. As ações dos psicólogos em seus relacionamentos com demandas educacionais. In: BEZERRA, H. J. S. (org.). **Psicologia escolar e educacional: reflexões no contexto da educação básica**. Maceió: Edufal, 2015. p. 13-38.

FERRO, A. S.; ANTUNES, A. A. Plantão psicológico: a construção de um “Pro-jeto” sobre as vicissitudes humanas no espaço educacional, narrando a intertextualidade de uma experiência psicológica no instituto federal de Goiás. **Revista Eixo**, Brasília/DF, v. 4, n. 1, p. 75-80, jun. 2015. Disponível em: revistaeixo.ifb.edu.br. Acesso em: 21 jul. 2018.

FRIEDBERG, R. D.; McCLURE, J. M. **A prática clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAHFOUD, M. Plantão psicológico na escola: uma experiência. In: MAHFOUD, M. *et al.* (org.). **Plantão psicológico: novos horizontes**, 2. ed. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012. p. 45-63.

MAHFOUD, M. *et al.* **Plantão psicológico na escola: presença que mobiliza**. In:

MAHFOUD, M. *et al.* (org.). **Plantão psicológico: novos horizontes**. 2. ed. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012. p. 65-95.

MAIA, A. C. B.; NAVARRO, C.; MAIA, A. F. Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 32, s/n, p. 25-46, 2011. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo. Acesso em: 5 ago. 2018.

MARAVIESKI, S.; SERRALTA, F. B. Características clínicas e sociodemográficas da clientela atendida em uma clínica-escola de Psicologia. **Temas em Psicologia**, Canoas/RS, v. 19, n. 2, p. 481-490, dez. 2011. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo. Acesso em: 7 dez. 2017.

OLIVEIRA, R. G. O. **Uma experiência de plantão psicológico à polícia militar do estado de São Paulo: reflexões sobre sofrimento e demanda**. 2005. 141f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: www.teses.usp.br/teses. Acesso em: 8 fev. 2018.

OLIVEIRA, R. G. O.; MORATO, H. T. P. Uma experiência de plantão psicológico à polícia militar do estado de São Paulo: articulando compreensões. In: MORATO, H. T. P.; BARRETO, C. L. B. T.; NUNES, A. P. (org.). **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. p. 139-145.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 13. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

RIBEIRO, M. A. T.; MARTINS, M. H. M.; LIMA, J. M. A Pesquisa em base de dados: como fazer? In: LANG, C. E. *et al.* **Metodologias: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas**. Maceió: Edufal, 2015. p. 61-83.

ROCHA, M. C. Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos. **Revista do Núfen**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 119-134, jul. 2011. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S2175. Acesso em: 5 jul. 2017.

ROGERS, C. R. **Um jeito de ser**. São Paulo: E.P.U., 1983. p. 38.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROGERS, C. R.; KINGET, G. M. **Psicoterapia e relações humanas: teoria da terapia não-diretiva**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977. (2 Vols.).

ROSENTHAL, R. W. O Plantão de psicólogos no instituto sedes sapientiae: uma proposta de atendimento aberto à comunidade. In: MAHFOUD, M. *et al.* (org.). **Plantão psicológico: novos horizontes**. 2. ed. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2012. p. 31-44.

SCHEEFFER, R. **Aconselhamento psicológico: teoria e prática**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1983.

SCHMÍDT, M. L. S. Aconselhamento psicológico: questões introdutórias. In: ROSENBERG, R. L. (org.). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. São Paulo: EPU, 1987. p. 14-23.

SCHMÍDT, M. L. S. Plantão psicológico, universidade pública e serviço de saúde mental. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 173-192, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n3/v2.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2017.

SCHMÍDT, M. L. S. O nome a taxonomia e o campo do aconselhamento psicológico. In: MORATO, H. T. P.; BARRETO, C. L. B. T.; NUNES, A. P. (org.). **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. p. 1-21.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **Teorias da personalidade**. 10. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015. p. 267-284.

SCORSOLINI-COMIN, F. Plantão psicológico centrado na pessoa: intervenção etnopsicológica em terreiro de Umbanda. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 4, p. 85-89, dez. 2004. Disponível em: pepsic.bvsalud.org. Acesso em: 6 fev. 2018.

SCORSOLINI-COMIN, F. **Aconselhamento psicológico: aplicações em gestão de carreiras, educação e saúde**. São Paulo: Atlas, 2015. p. 1-18.

SZYMANSKI, H. Plantão psicoeducativo: novas perspectivas para a prática e pesquisa em psicologia da educação. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 169-182, nov. 2004. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo. Acesso em: 24 jul. 2018.

TASSINARI, M. A. **Plantão psicológico centrado na pessoa como promoção de saúde no contexto escolar**. 1999. 155f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <https://apacporgbr.files.wordpress.com/2017/01/281.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2018.

TASSINARI, M. A. **A clínica da urgência psicológica: contribuições da abordagem centrada na pessoa e da teoria do caos**. 2003. 243f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: bibliotecaparaalapersonaepimeleia.com/pdf. Acesso em: 6 jul. 2017.

TASSINARI, M. A.; DURANGE, W. Plantão Psicológico e sua inserção na contemporaneidade. **Revista do Núfen**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 41-64, jul. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/rnufen/v3/4.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2018.

TASSINARI, M. A.; DURANGE, W. Desdobramentos clínicos das propostas humanistas em processos de Promoção da Saúde. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio

de Janeiro, v. 12 n. 3, p. 911-923, out. 2012. Disponível em: <https://apacporgbr.files.wordpress.com/2017/0.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2018.

VENDRAMEL, M. C.; POCAIA, P. O. F.; SANTOS, L. S. **A Importância do plantão psicológico no ambiente escolar**. 2017. Disponível em: www.psicologia.pt. Acesso em: 24 jul. 2018.

ZANONI, M. R. L. **Plantão psicológico em um serviço universitário de psicologia: a experiência de aprimorandas**. 2008. 82f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontífica Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080. Acesso em: 8 fev. 2018.

Data do recebimento: 16 de junho de 2018

Data da avaliação: 7 de dezembro de 2018

Data de aceite: 7 de dezembro de 2018

1 Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/ AL. E-mail: liranisouza@hotmail.com

2 Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/ AL. E-mail: may_crys@hotmail.com

3 Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL; Professora do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/ AL. E-mail: sandra.lamenha@gmail.com

4 Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professor do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/ AL. E-mail: marce_goes@hotmail.com